

Eça de Queirós, um romancista da decadência

Prof. Dr. Edvaldo Bergamo (UFG)¹

RESUMO:

O trabalho analisa o romance português A Ilustre casa de Ramires (1900), de Eça de Queirós, como uma obra representativa do subgênero “romance da decadência” no macrossistema das literaturas em língua portuguesa. O principal traço definidor de tal forma narrativa na composição ecianiana é encontrado na configuração da personagem-protagonista Gonçalo Mendes Ramires, típico representante de uma classe social arruinada, a aristocracia, que se sustenta enquanto estiver arraigada a um mundo ultrapassado, ao manter vínculos anacrônicos com uma certa cultura agrária, cujos valores caducos estão em extinção pelo avanço da civilização industrial e urbana e pela ofensiva dos interesses burgueses pautados pela concorrência, competição e lucro.

Palavras-chave: Eça de Queirós; romance da decadência; romance e sociedade; romance e realismo.

“Acabados os Ramires, acaba Portugal.”
Eça de Queirós

No romance em língua portuguesa, o ideário da decadência (LE GOFF, 1996, p. 375) aparece como modelo narrativo privilegiado para retratar simbolicamente as transformações sociais e econômicas e suas inevitáveis consequências, ocorridas com o processo de modernização capitalista em países periféricos como Brasil e Portugal.

No romance português *A ilustre casa de Ramires* (1900), de Eça de Queirós (1845-1900), postumamente publicado, o protagonista é Gonçalo Mendes Ramires, protótipo do aristocrata decadente, que acredita na salvação da Pátria, apelando ao heróico passado histórico português. Trata-se de um fidalgo arruinado que cultivava, através da herança familiar, um universo de crenças totalmente despropositadas em comparação com a acelerada transformação por que passava a sociedade europeia. Embora reverencie os ideais cavaleirescos, não procede da mesma forma em sua vida cotidiana, pautada pela humilhação e capitulação. Como aristocrata, apesar de decadente, do mesmo modo que a Pátria, Gonçalo Ramires insiste em manter-se atrelado ao mundo oficial da política, das letras, na tentativa de perpetuar-se na condição de digno herdeiro de uma classe social que se considerava responsável pelos destinos altaneiros do país. O último dos Ramires é, de fato, o defensor de um tradicionalismo classista, que se revela principalmente com o afloramento de um nacionalismo alienante, explorado na narrativa de maneira a demonstrar o anacronismo das intenções patrióticas de Gonçalo, ao desejar restaurar um Portugal ultrapassado, como demonstram o projeto literário de sua narrativa histórica e o ímpeto pseudo-heróico que ostenta ao engajar-se numa expedição ao continente africano com fortes cores colonialistas. O crítico português João Medina é enfático:

Há neste romance uma crítica implícita ao gênero do romance histórico tal como ele fora entre nós cultivado, na esteira de Herculano. Eça mostrava sobretudo que o pretérito não passava afinal de ilusório e dúbio disfarce para os conflitos, interesses e personagens atuais, demasiado atuais (1974, p. 90).

Gonçalo Mendes Ramires é um fidalgo decadente que pretende, através da literatura e de seu modo de vida, revigorar a importância histórico-tradicional de seus ancestrais. Sua narrativa *Torre de Ramires*, que se desenvolve paralela à principal, é uma tentativa de reabilitar o glorioso mundo português da Idade Média, em que se destaca seu avoengo Tructesindo Ramires, herói cavaleiresco guiado pelos princípios da honra e da fidelidade. Reconhecem-se duas narrativas dentro do romance: uma voltada para o passado medieval e outra que aponta para o presente entediado do último dos Ramires.

O aristocrata Ramires é uma personagem de caráter polifacetado, pois é concebida dentro de uma variada gama de atributos. Trata-se do fidalgo, do solteirão, do escritor plagiador, do bom irmão, do patrão justo, covarde e insincero muitas vezes, valente e caridoso, em outras situações. A complexidade psicológica de Gonçalo resulta de sua profundidade de alma e de sua fortuitude de caráter.

Como fidalgo é um extremado valorizador das tradições e da cultura aristocrática, muito apegado à sua Torre, símbolo centenário de sua grandiosidade hereditária. A sua novela histórica tem por objetivo revigorar o patriotismo em prol de um Portugal de grandezas seculares, como quer seu amigo Castanheiro. É uma forma também de glorificação de seu nome e de seus antepassados, simbolizada pela imponente Torre da Quinta de Santa Irenéia, uma edificação medieval que sobreviveu ao tempo.

Como escritor sem talento, é a custo até de plágio de um poema de seu tio Duarte que consegue erigir sua obra, *Torre de Ramires*: uma novela histórica que pretende colaborar para o restabelecimento de um Portugal tradicional de passado ilustre. Para Álvaro Lins, este romance dentro do romance é “um rigoroso senso histórico do Portugal heróico e cavalheiresco” (LINS, 1945, p. 102).

Deve-se destacar, entretanto, que Gonçalo é um solteirão convicto, homem de alegria fácil nos jantares do Gago e nos jogos da Assembléia, sempre na companhia dos amigos. Cultiva amizades com homens sem linhagem nobre, mas que são seus grandes companheiros, como Titó, Gouveia e Videirinha. Em família é um irmão dedicado, que não se orgulha do cunhado bonachão, todavia preza a irmã com um cuidado exemplar, a ponto de romper uma amizade de juventude com Cavaleiro: político, galanteador e falso pretendente a marido de sua irmã Gracinha.

A distância aristocrática de Gonçalo, que presumivelmente o afastaria da plebe, não o impede de ser caridoso com os adultos, e amável com as crianças, a ponto de carregar em sua própria égua um lavrador aleijado, que encontrara na estrada, causando espanto e admiração. Apesar de toda humanidade digna de nota, em relação aos menos favorecidos e aos amigos, Gonçalo sofria de complexo de inferioridade. Segundo J. de Melo Jorge,

era este mesmo complexo de inferioridade que o impelia a temer a reação do Cavaleiro, ser sempre dominado pelos outros: no amor dependia da prima Mendonça; na política, do Gouveia; em casa, do Bento. Era esse mesmo complexo de inferioridade que o forçava a descrever de suas possibilidades, desacreditar da viabilidade de sua vitória política; confessar-se incapaz de escrever alguma coisa original. (1940, p. 49)

Daí provém sua complexidade psicológica, pois não conseguia vencer, pela força da palavra e dos atos, os adversários, fazendo com que os seus conflitos fossem vividos interiormente. Gonçalo Ramires tinha consciência de suas humilhações, concessões feitas para atingir seus objetivos, mesmo pelos meios mais escusos. Por isso, está sempre procurando motivos nobres para justificar seu comportamento. Escapando ao procedimento caricatural que configura a maioria das personagens do romancista Eça de Queirós, Gonçalo Ramires é a primeira personagem realmente dramática da galeria eciana. Para Antonio Candido

parece que ao encontrar-se plenamente com a tradição de seu país, ao realizar um romance plenamente integrado no ambiente básico (aldeia, campo, etc.) da civilização portuguesa, parece que só então Eça conseguiu produzir um personagem dramático e realmente complexo: Gonçalo. Parece que só então pode libertar-se da tendência caricatural e da simplificação excessiva dos traços psicológicos. (1978, p. 45)

Ao longo da narrativa, Gonçalo Ramires vive momentos de ressentimento, de tristeza e de vergonha. Tenta, então, achar explicações que convençam a si mesmo sobre o porquê dos diversos atos aviltantes:

E ele, coitado dele, pobre, ignorado, irresistivelmente se rendera à fatal lei de acrescentamento, que o levava, como a todos leva na ânsia de fama e fortuna, a furar precipitadamente pela porta casual que se abre, sem reparar na estrumeira que atravanca os umbrais... Ah, realmente, todos bem pouco culpados diante de Deus que nos criou tão variáveis, tão frágeis, tão dependentes de forças por nós ainda menos governadas do que o vento ou do que o sol! (QUEIRÓS, 2000, p. 188)

Esse protagonista do romance eciano pode ser visto como uma personagem simbólica, de caráter ambíguo, porque encarna diferentes imagens de um mesmo Portugal, de passado heróico e presente degradante: uma voltada ao passado, por representar uma aristocracia decadente que insiste em manter sua hegemonia e uma outra, direcionada ao presente, no qual Gonçalo, mais do que aristocrata, é um tipo representativo do homem lusitano sem perspectiva.

Como aristocrata, em decadência como se mostrava o país, Gonçalo insiste em manter-se atrelado ao mundo oficial da política, das letras, na tentativa de perpetuar-se na condição de digno herdeiro de uma classe social que se considera responsável pelos rumos da nação. Nesse sentido, afloram-se as formas anacrônicas de vida para uma sociedade de final do século XIX em acelerada transformação. O modelo de vida de Gonçalo e sua obra literária representam o que há de retrógrado na sociedade portuguesa, uma vez que o apelo ao passado é uma forma paliativa de reconhecer méritos que a Pátria atualmente já não pode ostentar.

Apesar de tudo, Gonçalo pode ser observado igualmente como legítimo representante do caráter português, visto que, como bom lusitano, aprecia a melhor comida, o bom vinho, a boa música de seu velho Portugal, além de encarnar toda a frouxidão e também todo o vigor, quando necessário, da alma portuguesa. Gonçalo Ramires é considerado uma personagem simbólica, para Mello Jorge, porque “encarna não propriamente o caráter português: seria antes a imagem viva da marcha histórica de Portugal, acompanhada através da crônica de uma família mais antiga do que ele mesmo.” (1940, p. 104)

Símbolo de classe ou típico português, o que se sobressai no romance é o âmbito das intenções que levou Eça de Queirós ao engendramento de um universo cultural que também possui um significado ambíguo. Uma ambigüidade presumidamente de ordem ideológica: o romancista estaria retomando um nacionalismo passadista de forte teor patriótico, no sentido de restaurar a grandeza sebastianista e camoniana de um Portugal de trezentos anos atrás, ou pretenderia demonstrar, através de uma novela histórica, a definitiva superação do Romantismo, cuja exaltação do passado, apesar de glorioso, é inócua para a atual situação do país, identificada na representação de um fidalgo arruinado, com um cotidiano ocioso e despreparado para enfrentar as exigências da sociedade moderna. Essa indagação permanece sem solução ao longo do romance.

Esse caráter ambíguo da personagem Gonçalo viria, ainda, de sua relação dúbia que mantém com todos e com tudo o que está à sua volta. O temperamento vacilante faz com que tenha sempre duas opiniões a respeito dos fatos, uma para demonstrar e outra para guardar para si mesmo:

- Homem, essa pergunta!... Pois se eu tivesse confirmado ao Casco decisivamente a palavra de Gonçalo Ramires, estava agora aqui a tratar, ou sequer a conversar consigo, Pereira, sobre o arrendamento da Torre?

(...)

Enfim, a manhã fora fecunda! e, realmente, nenhum acordo firmado o colava ao Casco. Entre eles apenas se esboçara uma conversa, sobre um arrendamento possível da Torre, a debater depois miudamente, numa base nova de novecentos e cinquenta mil-réis... E que insensatez se ele, por escrupuloso respeito dessa conversa esboçada, recusasse a Pereira, retivesse o Casco, lavrador de rotina – dos que raspam a terra para comer, e a deixam cada ano deperecendo, mais cansada e chupada!... (QUEIRÓS, 2000, p. 54-55)

Vale ressaltar que esta relação ambígua está na própria composição dual do romance, visto que as duas narrativas dão margem a dois espaços, dois narradores, além do contraste de personalidade entre a coragem titânica de Tructesindo Ramires e a covardia deprimente de Gonçalo. Espaço da degradação é a Torre, no tempo de Gonçalo, enquanto que a mesma construção significou templo de heroísmo para os Ramires medievais. Além disso, a perspectiva dual está presente na própria focalização do narrador. A focalização dominante é a interna, que confere à personagem maior complexidade psicológica, devido às incertezas, vacilações e conflitos de Gonçalo. Já a decadência física da Torre e a degradação moral de Gonçalo são apresentadas por um narrador objetivo:

Até a noite alta Gonçalo, passeando pelo quarto, remoeu a amarga certeza de que sempre através de toda a sua vida (quase desde o colégio de São Fidel), não cessara de padecer humilhações. E todas lhe resultavam de intentos muitos simples, tão seguros para qualquer homem como o vôo para qualquer ave - só para ele constantemente rematados por dor, vergonha ou perda!

(...)

- E por quê? – murmurava Gonçalo, despindo melancolicamente o casaco – Em vida tão curta, tanta decepção... Por quê? Pobre de mim!

Caiu no vasto leito como numa sepultura – enterrou a face no travesseiro com um suspiro, um enternecido suspiro de piedade por aquela sua sorte tão contrariada, tão sem socorro. (QUEIRÓS, 2000, p. 202)

Cabe salientar que o livro *A ilustre casa de Ramires* deixa em aberto uma outra questão importante, configurada na parte final da narrativa: o repentino interesse pela África e certos sucessos pessoais e políticos, verificados nas últimas páginas do romance, além da revalorização do ambiente rural nos últimos romances de Eça significam um retorno ideológico do romancista aos valores tradicionais impulsionados por um nacionalismo renascido com os conflitos da política colonial (*Ultimatum*) ou denotam um retrato crítico de uma aristocracia portuguesa arruinada que ainda resistia sofregamente aos reveses de uma decadência inevitável? A. J. Costa Pimpão tenta uma explicação: “*A ilustre casa de Ramires* é a transposição romanesca da opinião de Eça sobre o valor formativo do tradicionalismo literário: *não se curam misérias ressuscitando tradições*” (1097, p. 550, grifos do autor).

O projeto literário Eça de Queirós tinha um objetivo explícito: reabilitar as letras portuguesas, sufocadas pelo peso do passado e da tradição romântica. O escritor pensou descobrir, através da poética do Realismo/Naturalismo, a possibilidade de realização desse projeto: uma literatura engajada na proposta de reforma social e moral do país, em que criticava ferreamente os impasses nacionais, cuja sátira e irreverência deixavam em evidência os vícios da sociedade portuguesa. A cidade era o objeto preferido e o alvo mais frágil neste intento, pois o arraigamento de seus defeitos estava mais à vista. Ao mudar de cenário, apesar de estrangeiro dentro de seu próprio país, devido à sua carreira diplomática, a focalização do campo foi um encontro com os valores da cultura rural. Nesta aproximação com o universo agrário, observa-se um Eça menos sentencional e polêmico, abandonando aquela visão doutrinária e programática da literatura de sua fase naturalista mais ortodoxa. Entretanto, não fecha os olhos para os problemas portugueses. Mesmo no cenário rural, que serve como pano de fundo de seus últimos romances, o escritor percebe que o processo de decadência nacional prossegue, já anteriormente tão atacado por ele. A troca de favores, os conchavos políticos, a retórica inútil dos homens do poder, a humilhação dos que dependem, continuam no romance *A Ilustre casa de Ramires* e são alvos de sua crítica e ironia mordazes, como se os mesmos defeitos da cidade tivessem invadido o campo. Nesse sentido, essa opção pelo ambiente campestre e por seus valores culturais não pode ser vista como uma forma de nacionalismo que deseja retomar a tradição para salvar o país da decadência iminente, pois tal postura resultaria numa evasão despropositada para o passado, um passado que não poderia contribuir em nada para a resolução dos desafios do presente, marcado pelos signos da degradação.

Submisso, concessivo e ao mesmo tempo alegre, caridoso, valente e heróico, mas sem muita convicção, Gonçalo é um legítimo representante da classe social a que pertence, decadente como o país em que vivia. Uma imagem moldada em definitivo por João Gouveia, a quem Eça cede o ponto de vista para arrematar a símile entre o fidalgo arruado e a decrepitude da nação lusitana:

Aquele todo de Gonçalo, a fraqueza, a doçura, a bondade, a imensa bondade, que notou o senhor Padre Soeiro... Os fogachos e entusiasmos, que acabam logo em fumo, e juntamente muita persistência, muito aferro quando se fila a idéi-a... A generosidade, o desleixo, a constante trapalhada nos negócios, e sentimentos de muita honra, uns escrúpulos, quase pueris, não é verdade? ... A imaginação que o leva sempre a exagerar até a mentira, e ao mesmo tempo um espírito prático, sempre atento à realidade útil. A viveza, a facilidade em compreender, em apanhar... A esperança constante nalgum milagre, no velho milagre de Ourique, que sanará todas as dificuldades... A vaidade, o gosto de se arrebicar, de luzir, e uma simplicidade tão grande, que dá na rua o braço a um mendigo... Um fundo de melancolia, apesar de tão palrador, tão sociável. A desconfiança terrível de si mesmo, que o acobarda, o encolhe, até que um dia se decide, e aparece um herói, que tudo arrasa ... Até aquela antiguidade de raça, aqui apegada à sua velha torre, há mil anos... Até agora aquele arranque para a África... Assim todo completo, com o bem, com o mal, sabem quem ele me lembra?

- Quem? ...

- Portugal. (QUEIRÓS, 2000, p. 263)

O último dos Ramires é o herdeiro característico de um tradicionalismo classista, moldado a partir de um nacionalismo alienante, explorado na narrativa, de maneira a demonstrar o anacronismo das intenções patrióticas de Gonçalo, ao desejar restaurar um Portugal ultrapassado, como demonstra a escrita de sua narrativa histórica. Se tal perspectiva deve ser reconhecida em *A Ilustre Casa de Ramires*, pode-se assim manter, desta vez uma outra forma de tradição, a do caráter sempre combativo do escritor Eça de Queirós e desconfiar da difundida visão complacente que o romancista teria adotado em sua última fase; não seria o iconoclasta da juventude, mas o inconformista de sempre, sob outra postura crítica, menos demolidora, contudo sem perder a verve e o tom de acidez costumeiros, que bem caracterizam a sua obra-inquérito da vida portuguesa, da qual faz parte o romance em questão. Para António José Saraiva,

há meia dúzia de temas nos seus romances que se repetem e que constituem o fulcro da sua actividade de polémista: a educação da mulher e o adultério, a vacuidade da literatura ultra-romântica, a nulidade e o verbalismo dos políticos constitucionais, a vida escassa e vazia do funcionalismo das secretarias, o anti-clericalismo - e pouco mais (1982, p. 60).

Esses mesmos temas permanecem no romance *A ilustre casa de Ramires*. Basta procurá-los que serão encontrados sob o invólucro de um processo de decadência social, econômica e moral irrefreável da nação portuguesa. Tal Ramires, qual Portugal!

Referências Bibliográficas:

CANDIDO, Antonio. Entre Campo e Cidade. In: *Tese e Antítese*. 3. ed., São Paulo: Nacional, 1978. p. 29-56.

JORGE, J. Mello. *Os Tipos de Eça de Queirós*. São Paulo: Livraria Brasil, 1940.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Irene Ferreira e outros, 4 ed, Campinas: Unicamp, 1996.

LINS, Álvaro. *História literária de Eça de Queirós*. 2. ed., Porto Alegre: Globo, 1945.

MEDINA, João. *Eça político*. Lisboa: Seara Nova, 1974.

QUEIRÓS, Eça de *A Ilustre Casa de Ramires*. 7. ed, São Paulo: Ática, 2000.

SARAIVA, António José. *As idéias de Eça de Queirós*. Lisboa: Bertrand, 1982.

¹ Edvaldo BERGAMO , Prof. Dr. E-mail: edvaldobergamo@hotmail.com
Universidade Federal de Goiás